

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 46 jan-jun 2022 ISSN 1413-6651

IMAGEM detalhe da escultura de Descartes presente
na fachada do Museu do Louvre, artista Gabriel Joseph Garraud.

TRADUÇÃO

DESCARTES, ELISABETH E A MELANCOLIA
(TRADUÇÃO DE CARTAS ESCOLHIDAS)

Rafael Teruel Coelho

Doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

teruel@usp.br

APRESENTAÇÃO

Muitas evidências textuais, imortalizadas em meio à interessante correspondência de Descartes e Elisabeth da Boêmia, sugerem que a filósofa do Palatinado¹ estabeleceu contato com o autor das *Meditações Metafísicas* a

1 Lili Alanen, em *Descartes and Elisabeth: a philosophical dialogue?*, reconstrói um debate ocorrido entre Daniel Garber e Lisa Shapiro por ocasião da *Conference seventeenth century women philosophers* em novembro de 1997. De acordo com Alanen, na perspectiva de Daniel Garber, embora “haja uma quantidade considerável de filosofia na correspondência de Elisabeth com Descartes [...], isso por si só não é o suficiente para torná-la uma filósofa. Ela simplesmente não se encaixa nos moldes de uma filósofa e deve ser considerada, ao invés disso, uma ‘Donzela erudita’ [*Maid Learned*] [...]” (ALANEN, 2005, p. 195). Lisa Shapiro, por sua vez, defendeu que Elisabeth da Boêmia é uma filósofa de considerável envergadura, sobretudo pelo fato de que, ao longo de sua correspondência com Descartes, ela foi capaz de propor uma espécie de “metafísica alternativa” ao dualismo cartesiano. O cerne de tal metafísica alternativa repousa sobre o fato de que, para Elisabeth, a alma (embora possa ser considerada uma substância imaterial) deve possuir uma “função extensa não menos essencial”, justamente para viabilizar sua relação com o corpo (DESCARTES, 1973, AT IV 2). Obviamente, ao chamarmos Elisabeth de “filósofa do Palatinado”, revelamos claramente nossa posição com relação ao referido debate, uma vez que cremos fortemente nas habilidades filosóficas natas

fim de buscar um tratamento para a sua melancolia. Na primavera de 1643, em sua primeira carta endereçada a Descartes, Elisabeth iniciou um longo diálogo eminentemente filosófico expressando o seu contentamento diante do fato de Descartes querer comunicar-se com uma mulher ignorante e indócil, cuja *tristeza* impediria um diálogo assaz proveitoso (DESCARTES, 1973, AT III, p. 660). Ao final dessa mesma carta, Elisabeth é ainda mais clara ao expressar uma de suas reais intenções, qual seja, a de conceber a sua relação com Descartes aos moldes de um tratamento médico-filosófico: “reconhecendo-vos como o melhor médico para a minha [alma], [...] espero que, observando o juramento de Hipócrates, trareis remédios sem publicar vossas especulações” (DESCARTES, 1973, AT III, p. 662).

Muito embora o conteúdo dessa primeira carta gravite ao redor de um problema ontológico², o desenrolar das discussões nos anos seguintes (sobretudo a partir de 1645) revela que Elisabeth parece ter tido um motivo específico para tentar compreender como a vontade poderia mover o corpo. Na visão de Delphine Coquard, por exemplo, a princesa propôs um problema metafísico a Descartes, mas essa proposta “[...] está ligada a uma questão mais prática, a de saber como ser feliz e como curar o corpo por meio da alma” (COQUARD, 2010, p. 110). De fato, parece-nos que Elisabeth almejava esclarecer o modo obscuro pelo qual o pensamento poderia determinar os movimentos corpóreos voluntários; entretanto, isso não é tudo, embora não seja pouco... Pois, uma vez compreendido como a alma e o corpo interagiriam mutuamente, Elisabeth poderia servir-se de uma

da princesa da Boêmia: além de uma donzela erudita, estamos diante de uma mulher, princesa e filósofa do século XVII.

2 Qual seja: “[...] me digais como a alma do homem pode determinar os espíritos do corpo a realizar ações voluntárias, (sendo apenas uma substância pensante)” (DESCARTES, 1973, AT III, 661).

espécie de *medicina mentis*, isto é, de uma forma de curar *voluntariamente* os males do corpo por intermédio da relação deste com o espírito.

* * *

Filha de Frederico v (rei da Boêmia, conde de Palatino e príncipe eleitor do Império) e Elisabeth da Grã-Bretanha (filha de James I da Inglaterra), aos dois anos de idade, a princesa Elisabeth fora confiada aos cuidados de sua avó paterna, Juliana de Nassau³. Isso se deu pela necessidade de seu pai, um monarca protestante convicto, deixar sua cidade, radicando-se em Praga durante a Guerra dos Trinta Anos⁴. Em Praga, com o desenrolar do conflito, Frederico v perde a Batalha da Montanha Branca, sendo obrigado a rumar primeiramente a Brandemburgo e, posteriormente, para Haia. É para esta cidade holandesa (que nessa época servia de morada provisória para sua família) que Elisabeth é enviada para viver junto aos seus pais. Contudo, em 1632, o pai de Elisabeth vem a falecer, deixando a princesa filósofa, sua mãe e seus demais irmãos órfãos e refugiados na Holanda.

Embora exilados, apátridas e com escassos recursos financeiros, a família de Elisabeth permanece ligada à dinastia Stuart, maculada pelas instabilidades políticas oriundas do conflito entre os príncipes católicos e protestantes (CARDOSO & FERREIRA, 2001, p. 6). Além disso, a desdita da

3 Os dados biográficos de Elisabeth, muitos dos quais inseridos nesta breve apresentação, foram descritos por Adrien Baillet (*La vie de Monsieur Descartes*), Charles Adam (DESCARTES, 1973, AT XII 401-31) e por Lisa Shapiro (2007, p. 7-16), de cujos trabalhos somos plenamente devedores.

4 Em poucas palavras, a guerra dos trinta anos foi um conflito confessional deflagrado na Alemanha no ano de 1618, findado em 1648, cujos motivos se diversificam: rivalidades religiosas (cultivadas entre católicos e protestantes), territoriais e econômicas. Estima-se que, por se tratar de uma querela de grandes proporções, envolvendo os principais países europeus, a guerra legou à humanidade um saldo de mais de oito milhões de mortos.

casa real de Elisabeth é, uma vez mais, agravada por crimes passionais, por assassinatos políticos e pelo pleno abandono da fé protestante por parte de um de seus irmãos (DONATELLI, 2008, p. 250). Esses acontecimentos fizeram da princesa protestante uma nobre doente, triste, tomada pela melancolia e por transtornos psicossomáticos, como indisposições febris, distúrbios, tosses secas e duradouras. Quanto à saúde frágil de Elisabeth, como veremos a seguir ao consultar as suas próprias cartas, os relatos de curas e de adoecimentos da princesa permeiam toda a sua correspondência com o filósofo.

* * *

Descartes, em 1645, após receber por intermédio de Pollot as notícias bastante desagradáveis acerca do estado de saúde de Elisabeth⁵, escreve à princesa afirmando com perspicácia que “a causa mais corriqueira da febre lenta é a tristeza” (DESCARTES, 1973, AT IV, 201). E, para sanar esse mal, ele propôs à palatina alguns “remédios da alma”, de modo que ela pudesse, valendo-se deles (especialmente da “força de sua virtude”), restituir a felicidade à sua alma, não obstante as desgraças da fortuna (DESCARTES, 1973, AT IV, 201). Nas próprias palavras do autor: “encontro para isso somente um único remédio, que é distrair sua imaginação e seus sentidos tanto quanto for possível, e considerá-los [os desprazeres] pelo entendimento somente quando formos obrigados pela prudência”

5 Infelizmente, não chegou até nós a carta em que Pollot informara Descartes sobre a doença de Elisabeth. Entretanto, a carta de Descartes a Elisabeth de 18 de maio de 1645 (a primeira das cinco que compõem a presente seleção) revela que o filósofo, em maio desse mesmo ano, já tinha conhecimento, sobretudo a partir dos relatos de Pollot, acerca de quais eram os males que afligiam a princesa.

(DESCARTES, 1973, AT IV, 218). Em outros termos, Descartes sugere a Elisabeth que abandone os maus pensamentos, e, no lugar deles, dedique-se à distração dos sentidos e da imaginação, o que pode ser feito passando-se algum tempo contemplando o verdor dos bosques, as cores das flores, o voo dos pássaros e evitando pensar em coisas sérias (DESCARTES, 1973, AT IV, 220)⁶.

Na visão de Jacques Darruilat, Descartes sabia que é na “[...] na moral, e não na metafísica, que se deve buscar um remédio para a melancolia. [...] A metafísica, de fato, longe de nos salvar da melancolia, faria-nos correr o risco de nos aprisionar nela” (DARRIULAT, 1996, p. 475). Justamente por isso, o “melhor médico” de Elisabeth parece propor que o “ethos” é capaz de controlar o “patos”, de modo que, cultivando bons pensamentos na alma, abstendo-nos de meditar seriamente sobre nossos problemas ou, até mesmo, sobre as questões da ciência, traríamos benefícios para corpo (DESCARTES, 1973, AT IV, 220). Era preciso, advogava Descartes, valer-se do poder salutar que a alma teria sobre seus próprios pensamentos, de modo que eles pudessem ser “direcionados” ao benefício e à saúde corporais. Em poucas palavras, aos olhos do filósofo, um corpo são parece ser a consequência de uma mente sadia, sendo esta altamente capaz de o influenciar diretamente.

Elisabeth, por sua vez, confirma o diagnóstico de Descartes: “e eu vos asseguro que os médicos que me viram todos os dias e examinaram todos os sintomas do meu mal não encontraram a sua causa, tampouco receitaram remédios tão salutareos como o fizestes de longe” (DESCARTES,

6 Jacques Darruilat (1996) mostra que Descartes (ao escrever as *Meditações* e evocar, na primeira delas, os “negros vapores da bile” e os “homens que se imaginam cântaros” ou que tem um “corpo de vidro”) era um profundo conhecedor da sintomatologia própria às “extravagâncias dos melancólicos”.

1973, AT IV, 207-208). Isso se dá, sobretudo, pelo fato de que, para Elisabeth, corpo e mente estão em um *perene* funcionamento conjunto, de modo que a alma é dependente do corpo, pois ela compartilha algumas de suas propriedades⁷. Dito de outro modo, aos olhos da princesa da Boêmia, as operações da alma (como o raciocínio, por exemplo) dependem de alguma maneira dos fenômenos fisiológicos, como se vê claramente na seguinte passagem: “[...] é ainda muito difícil compreender que uma alma, como a tendes descrito, depois de ter tido a faculdade e o hábito de bem raciocinar, possa perder tudo isso por alguns vapores, e que, podendo subsistir sem o corpo e não tendo nada de comum com ele, seja tão regida por ele” (DESCARTES, 2017, p. 199; AT III 685).

Nessa perspectiva, parece não ser possível separar radicalmente o espírito e o corpo tal qual Descartes fizera em suas *Meditações*⁸. Esse posicionamento é, ao que nos parece, um reflexo das críticas que, em maio de 1643, a princesa fizera a Descartes acerca da possibilidade de conciliar a distinção ontológica entre a alma e o corpo e a sua íntima união substancial⁹. Sendo assim, nada mais claro aos olhos da filósofa do

7 “E por isso penso que há propriedades na alma que nos são desconhecidas, que poderão talvez confundir o que vossas *Meditações Metafísicas* me têm persuadido por tão boas razões da inextensão da alma” (DESCARTES, 2017, p. 203; AT IV 2).

8 Vale lembrar que, para Descartes, mesmo durante o tempo em que a alma estiver intimamente unida ao corpo, ainda assim corpo e espírito permaneceriam radicalmente distintos: “e mesmo que Deus tenha juntado tão estreitamente um corpo a uma alma sendo impossível uni-los mais, fazendo um composto dessas substâncias assim unidas, concebemos também que permaneceriam sempre realmente distintas apesar dessa união. Com efeito, independentemente da ligação que Deus estabeleceu entre elas, não conseguiu livrar-se do poder que tinha para as separar, ou para conservar uma sem a outra. Ora, as coisas que Deus pode separar ou conservar separadamente umas das outras são realmente distintas” (DESCARTES, 1997, p. 49; AT VIII 29).

9 Cf., a esse respeito, nosso trabalho intitulado “*Descartes e Elisabeth: o problema das ações voluntárias*” (COELHO, 2020).

Palatinado do que aceitar que os males psíquicos podem causar doenças no corpo, ou que os fenômenos mentais podem ser regidos pela corporeidade. Ao fim e ao cabo, para Elisabeth, corpo e alma constituem “quase” uma única e mesma coisa, ou seja, a alma é tão dependente do corpo que, em alguns momentos, parece confundir-se com ele¹⁰.

Todavia, não obstante o fato de Elisabeth concordar que seus males físicos têm sua origem na alma, ou melhor, em um estado do espírito (a tristeza), ela se posiciona criticamente frente aos remédios sugeridos pelo filósofo das ideias claras e distintas. Diante de tantas desventuras, ela acreditava firmemente que se consideraria “[...] absolutamente infeliz enquanto não ver a minha casa restituída ou as pessoas que me são próximas fora da miséria” (DESCARTES, 1973, AT IV, 209). Parece-lhe muito claro que, caso os problemas políticos que assolavam sua Casa não fossem resolvidos, sua melancolia e, conseqüentemente, a febre e a tosse seca que a acompanhavam jamais cessariam. Na condição de princesa, era de se esperar que alguém como ela não pudesse conceber determinados problemas com a mesma “leveza” proposta por Descartes.

Isso se dava, sobretudo, porque o dever político exigia de Elisabeth decisões estratégicas e maduramente consideradas, o que só poderia ser feito aplicando-se muito bem o espírito na consideração dos problemas ao invés de dedicar-se ao “repouso dos sentidos”. A política, sendo uma tarefa

10 Obviamente, este não é o lugar em que pretendemos discutir o que denominamos, apoiados nas teses de Lisa Shapiro, o “materialismo não reduutivo” de Elisabeth, ou seja, sua doutrina “quase” materialista da alma humana. Por ora, basta que tenhamos em mente que, desde seus primeiros contatos com Descartes, Elisabeth deixou transparecer traços materialistas em seu pensamento, como o fato de afirmar que, diante de casos patológicos particulares, como aqueles dos vapores (DESCARTES, 1973, AT III 685), por exemplo, a alma deixa necessariamente de pensar, o que sugere que a mente seja, de certo modo, na perspectiva da princesa, dependente do corpo e de seus estados fisiológicos.

árdua que pressupõe frequentemente os esforços do intelecto, impedia Elisabeth de observar tranquilamente o bosques, o colorido das flores ou o voo dos pássaros... Diferentemente de Descartes, tais lazeres não eram possíveis na conjuntura sócio-política em que Elisabeth se encontrava, o que, pelo contrário, pressupunha um intenso uso do entendimento: “se eu não o fosse de todo [racional], encontraria prazeres comuns com aqueles entre os quais me é necessário viver, para tomar essa medicina com proveito. E, no ponto em que vós estais, eu me curaria como vós haveis feito” (DESCARTES, 1973, AT IV, 234).

Em face disso, Elisabeth parece não aceitar que a alma poderia ter um completo poder sobre o corpo. Muito embora a vontade possa contribuir para o melhoramento (ou, em seu próprio caso, para a piora) da saúde física, os acontecimentos terríveis que continuam a marcar sua vida bastavam para inviabilizar essa “medicina da alma”. Tanto os diversos acontecimentos funestos que marcaram frequentemente sua biografia, quanto as “fraquezas de seu sexo”, isto é, sua condição corpórea feminina, e seus deveres políticos parecem atrapalhar fortemente o poder que a alma teria de curar o seu corpo. Ao contrário de Descartes, nas entrelinhas de seu texto, Elisabeth parece sugerir que a alma não teria um poder absoluto sobre o corpo, mas é este que, de alguma maneira, “[...] permite que a mente seja como ela é” (SHAPIRO, 1999, p. 515).

Ao fim e ao cabo, a discussão entre os filósofos se intensifica, sobretudo pelo fato de que ambos não estão dispostos a abrir mão de seus posicionamentos. É interessante sublevar que, desde o início de seu diálogo epistolar com Descartes, Elisabeth jamais prescindiu completamente de suas posições filosóficas, defendendo audaciosamente o seu ponto de vista. Nesse sentido, estamos fortemente inclinados a crer que, não obstante os graus de discordância ou anuência da parte de ambos os interlocutores, o pensamento filosófico de Elisabeth da Boêmia germina fecundo a partir de

uma atitude crítica com relação ao pensamento de Descartes. Justamente por isso, discordâncias à parte, a discussão toma novos rumos, voltando-se sobretudo às análises da obra de Sêneca, especialmente aquela denominada *De vita beata*. Certamente, uma “vida feliz” era o objetivo tanto de René Descartes, quanto de Elisabeth da Boêmia.

* * *

A seguir, apresentamos uma coletânea de cinco cartas trocadas entre Descartes e Elisabeth que, de certo modo, são capazes de ilustrar tudo aquilo que comentamos até aqui: as discussões obstinadas de uma filósofa melancólica com um pensador gentil, devotado ao serviço e ao bem-estar de sua amiga, a princesa Elisabeth da Boêmia. Eis um claro exemplo, valendo-nos dos termos de Marisa Donatelli (2002), de uma “terapêutica epistolar”.

* * *

CCCLXXV

Descartes à Elisabeth
Egmond, 18 mai 1645

Madame,

J'ai été extrêmement surpris d'apprendre, par les lettres de Monsieur de Pollot, que V. A. a été longtemps malade, et je veux mal à ma solitude, pour ce qu'elle est cause que je ne l'ai point su plus tôt. Il est vrai que, bien que je sois tellement retiré du monde, que je n'apprenne rien du tout de ce qui s'y passe, toute-fois le zèle que j'ai pour le service de Votre Altesse ne m'eût pas permis d'être si longtemps sans savoir l'état de sa santé, quand j'aurais dû aller à La Haye tout exprès pour m'en enquérir, sinon que Monsieur de Pollot, m'ayant écrit fort à la hâte, il y a environ deux mois, m'avait promis de m'écrire derechef par le prochain ordinaire ; et pour ce qu'il ne manque jamais de me mander comment se porte Votre Altesse, pendant que je n'ai point reçu de ses lettres, j'ai supposé que vous étiez toujours en même état. Mais j'ai appris, par ses dernières, que Votre Altesse a eu, trois ou quatre semaines durant, une fièvre lente, accompagnée d'une toux sèche, et qu'après en avoir été délivrée pour cinq ou six jours, le mal est retourné, et que toutefois, au temps qu'il m'a envoyé sa lettre (laquelle a été près de quinze jours par les chemins), Votre Altesse commençait derechef à se porter mieux. En quoi je remarque les signes d'un mal si considérable, et néanmoins auquel il me semble que Votre

CCCLXXV

Descartes a Elisabeth
Egmond, 18 de maio de 1645

[200]¹¹

Senhora,

Fiquei extremamente surpreso ao saber por meio das cartas do Sr. P(ollot)¹² que V. A. esteve adoentada por um longo tempo, e lamento minha solidão pelo fato de que ela é a causa pela qual eu não tenha sabido disso antes. É verdade que, embora eu esteja totalmente afastado do mundo e não saiba nada do que nele se passa, contudo, o zelo que tenho pelo serviço de Vossa Alteza não me teria permitido estar por tão longo tempo sem saber o estado de vossa saúde, de modo que teria o dever de ir a Haia especialmente para perguntar, embora o Senhor P(ollot), tendo-me escrito há mais ou menos dois meses, tenha-me prometido escrever novamente. E, pelo fato de que ele jamais deixou de me informar como Vossa Alteza se encontra, durante o período em que não recebi suas cartas, supus que vós estivésseis sempre [201] no mesmo estado. Mas soube por suas últimas cartas que vossa Alteza teve, durante três ou quatro semanas, uma febre lenta acompanhada de uma tosse seca, que, depois de ter melhorado por cinco ou seis dias, o mal retornou, e, no momento em que ele me enviou a carta (que permaneceu quinze dias pelo caminho), vossa Alteza começava a se sentir melhor. No que observo os sinais de um mal tão considerável, embora me pareça certamente que Vossa Alteza possa remediá-lo, que não

11 Paginação referente às obras completas de Descartes organizadas por Charles Adam & Paul Tannery (AT). No caso da presente tradução, os números das páginas referem-se todos ao tomo IV das referidas obras.

12 Alphonse Pollot (1602-1668) era administrador real da Casa de Orange, amigo comum de Descartes e Elisabeth.

Altesse peut si certainement remédier, que je ne puis m'abstenir de lui en écrire mon sentiment. Car, bien que je ne sois pas médecin, l'honneur que Notre Altesse me fit, l'été passé, de vouloir savoir mon opinion, touchant une autre indisposition qu'elle avait pour lors, me fait espérer que ma liberté ne lui sera pas désagréable.

La cause la plus ordinaire de la fièvre lente est la tristesse ; et l'opiniâtreté de la fortune à persécuter votre maison, vous donne continuellement des sujets de fâcherie, qui sont si publics et si éclatants, qu'il n'est pas besoin d'user beaucoup de conjectures, ni être fort dans les affaires, pour juger que c'est en cela que consiste la principale cause de votre indisposition. Et il est à craindre que vous n'en puissiez être du tout délivrée, si ce n'est que, par la force de votre vertu, vous rendiez votre âme contente, malgré les disgrâces de la fortune. Je sais bien que ce serait être imprudent de vouloir persuader la joie à une personne, à qui la fortune envoie tous les jours de nouveaux sujets de déplaisir, et je ne suis point de ces philosophes cruels, qui veulent que leur sage soit insensible. Je sais aussi que Votre Altesse n'est point tant touchée de ce qui la regarde en son particulier, que de ce qui regarde les intérêts de sa maison et des personnes qu'elle affectionne ; ce que j'estime comme une vertu la plus aimable de toutes. Mais il me semble que la différence qui est entre les plus grandes âmes et celles qui sont basses et vulgaires, consiste, principalement, en ce que les âmes vulgaires se laissent aller à leurs passions, et ne sont heureuses ou malheureuses, que selon que les choses qui leur surviennent sont agréables ou déplaisantes ; au lieu que les autres ont des raisonnements si forts et si puissants que, bien qu'elles aient aussi des passions, et même souvent de plus violentes que celles du commun, leur raison demeure néanmoins toujours la maîtresse, et fait que les afflictions même leur servent, et contribuent à la parfaite félicité dont elles jouissent dès cette vie. Car, d'une part, se considérant comme

posso me abster de lhe escrever minha opinião sobre ele. Pois, embora eu não seja um Médico, a honra que vossa Alteza me deu no verão passado ao querer saber a minha opinião no tocante a uma outra indisposição que ela tinha, me faz esperar que minha liberdade não a desagradasse.

A causa mais corriqueira da febre lenta é a tristeza. A Fortuna que tem perseguido vossa casa vos dá continuamente motivos de irritação que são tão públicos e tão significativos que não há necessidade de forjar mais conjecturas, tampouco conhecer muito bem essas coisas, para saber que isso consiste a principal causa de vossa indisposição. Pode-se temer que vós não possais libertar-vos totalmente disso, a não ser que, pela força de vossa virtude, torneis vossa alma contente, não obstante as desgraças da Fortuna. Sei muito bem que seria imprudente querer persuadir à alegria uma pessoa a quem a fortuna envia todos os dias novos motivos de desprazer, e não sou como aqueles [202] Filósofos cruéis que querem que seu sábio seja alguém insensível. Sei também que vossa Alteza não está tão tocada com aquilo que diz respeito a ela em particular, mas sobretudo com os interesses de sua casa e das pessoas de sua afeição, o que estimo, dentre todas, como a mais amável de todas as virtudes. Mas parece-me que a diferença que existe entre as maiores almas e aquelas que são baixas e vulgares consiste, principalmente, no fato de que as almas vulgares se deixam levar por suas paixões, e não são felizes ou infelizes de acordo com as coisas que lhes ocorrem sejam agradáveis ou desagradáveis; enquanto as almas grandes possuem raciocínios tão fortes e tão potentes que, embora elas também tenham paixões, inclusive mais violentas do que aquelas que ocorrem à maior parte dos homens, sua razão permanece sempre a senhora delas, e faz com que suas próprias aflições lhes sirvam e contribuam para a perfeita felicidade que elas já sentem nesta vida. Pois, por um lado, considerando-se como imortais e capazes de receber os maiores contentamentos, e,

immortelles et capables de recevoir de très grands contentements, puis, d'autre part, considérant qu'elles sont jointes à des corps mortels et fragiles, qui sont sujets à beaucoup d'infirmités, et qui ne peuvent manquer de périr dans peu d'années, elles font bien tout ce qui est en leur pouvoir pour se rendre la fortune favorable en cette vie, mais néanmoins elles l'estiment si peu, au regard de l'éternité, qu'elles n'en considèrent quasi les événements que comme nous faisons ceux des comédies. Et comme les histoires tristes et lamentables, que nous voyons représenter sur un théâtre, nous donnent souvent autant de récréation que les gaies, bien qu'elles tirent des larmes de nos yeux ; ainsi ces plus grandes âmes, dont je parle, ont de la satisfaction, en elles-mêmes, de toutes les choses qui leur arrivent, même des plus fâcheuses et insupportables. Ainsi, ressentant de la douleur en leur corps, elles s'exercent à la supporter patiemment, et cette épreuve qu'elles font de leur force leur est agréable ; ainsi, voyant leurs amis en quelque grande affliction, elles compatissent à leur mal, et font tout leur possible pour les en délivrer, et ne craignent pas même de s'exposer à la mort pour ce sujet, s'il en est besoin. Mais, cependant, le témoignage que leur donne leur conscience, de ce qu'elles s'acquittent en cela de leur devoir, et font une action louable et vertueuse, les rend plus heureuses, que toute la tristesse, que leur donne la compassion, ne les afflige. Et enfin, comme les plus grandes prospérités de la fortune ne les enivrent jamais, et ne les rendent point plus insolentes, aussi les plus grandes adversités ne les peuvent abattre ni rendre si tristes, que le corps, auquel elles sont jointes, en devienne malade.

Je craindrais que ce style ne fût ridicule, si je m'en servais en écrivant à quelqu'autre ; mais, pour ce que je considère Votre Altesse comme ayant l'âme la plus noble et la plus relevée que je connaisse, je crois qu'elle doit aussi être la plus heureuse, et qu'elle le sera véritablement, pourvu qu'il lui plaise jeter les yeux sur ce qui est au-dessous d'elle, et comparer la valeur

por outro, considerando que elas estão unidas a corpos mortais e frágeis que estão sujeitos a muitas enfermidades, e que não deixam de perecer em poucos anos, elas fazem tudo o que está em seu poder para tornar a Fortuna favorável a elas nesta vida, embora elas a estimem muito pouco, e, quando vistas do ponto de vista da eternidade, elas chegam a considerar os eventos que lhes acontecem como fazemos com aqueles das Comédias. E, assim como as Histórias tristes e lamentáveis que vemos representar em um teatro frequentemente nos dão tanto motivo de recreação quanto as alegres, ainda que [203] aquelas nos arranquem lágrimas dos olhos, também as maiores almas de que falo encontram em si mesmas a satisfação com todas as coisas que lhes acontecem, mesmo as mais incômodas e insuportáveis. Assim, sentindo a dor em seus corpos, elas se empenham em suportá-la pacientemente, e essa provação que elas possuem de sua força lhes é agradável. Dessa forma, ao verem seus amigos em qualquer aflição, elas se compadecem de seu mal e fazem tudo o que é possível para livrá-los disso, e não temem inclusive se expor à morte por esse motivo, caso isso seja necessário. Todavia, o testemunho que lhes dá a sua consciência de que elas cumprem com isso o seu dever e desempenham uma ação louvável e virtuosa as torna mais felizes do que toda a tristeza causada pela compaixão que as aflige. Enfim, como as maiores prosperidades da fortuna nunca as inebriam e não as tornam mais insolentes, do mesmo modo as maiores adversidades não podem abatê-las, tampouco deixá-las tristes, a não ser que o corpo ao qual elas estão unidas fique doente.

Temeria que esse estilo fosse ridículo, caso estivesse escrevendo para qualquer outra pessoa; mas, haja vista que considero vossa Alteza como possuidora da alma mais nobre e mais elevada que conheço, creio que ela deva também ser a mais feliz, e que ela o será verdadeiramente, contanto que queira voltar os olhos para o que existe abaixo dela, e comparar o valor

des biens qu'elle possède, et qui ne lui sauraient jamais être ôtés, avec ceux dont la fortune l'a dépouillée, et les disgrâces dont elle la persécute en la personne de ses proches ; car alors elle verra le grand sujet qu'elle a d'être contente de ses propres biens. Le zèle extrême que j'ai pour elle est cause que je me suis laissé emporter à ce discours, que je la supplie très humblement d'excuser, comme venant d'une personne qui est, etc.

CCCLXXVII

Elisabeth à Descartes

[Haia], 24 mai [1645]

Monsieur Descartes,

Je vois que les charmes de la vie solitaire ne vous ôtent point les vertus requises à la société. Ces bontés généreuses que vous avez pour vos amis et me témoignez aux soins que vous avez de ma santé, je serais fâchée qu'ils vous eussent engagé à faire un voyage jusqu'ici, depuis que M. de Palotti m'a dit que vous jugiez le repos nécessaire à votre conservation. Et je vous assure que les médecins, qui me virent tous les jours et examinèrent tous les symptômes de mon mal, n'en ont pas trouvé la cause, ni ordonné de remèdes si salutaires que vous avez fait de loin. Quand ils auraient été assez savants pour se douter de la part que mon esprit avait au désordre du corps, je n'aurais point eu la franchise de le leur avouer. Mais à vous, Monsieur, je le fais sans scrupule, m'assurant qu'un récit si naïf de mes défauts ne m'ôtera point la part que j'ai en votre amitié, mais me la confirmera d'autant plus, puisque vous y verrez qu'elle m'est nécessaire.

Sachez donc que j'ai le corps imbu d'une grande partie des faiblesses de mon sexe, qu'il se ressent très facilement des afflictions de l'âme, et n'a

dos bens que ela possui, e que não lhes podem jamais ser retirados, com aqueles que a Fortuna lhes retirou e com as desgraças que a perseguem na pessoa [204] de seus próximos; pois, então, ela verá o grande motivo que ela tem para estar contente com seus próprios bens. O zelo extremo que tenho por ela é a causa por que me deixei levar nesse discurso, que lhe suplico muito humildemente perdoá-lo, pois ele vem de uma pessoa que é, etc.

CCCLXXVII

Elisabeth a Descartes

[Haia], 24 de maio de [1645]

[207]

Senhor Descartes,

Vejo que os encantos da vida solitária não vos fizeram perder as virtudes requeridas pela sociedade. As bondades generosas que tendes para com vossos amigos, e que delas tenho o testemunho por meio das preocupações que tendes com minha saúde, me deixariam aborrecida se elas o levassem a realizar uma viagem até aqui, sobretudo depois que o Sr. Palotti me disse que julgais o repouso necessário para vossa conservação. E vos asseguro que os médicos que me viram todos os dias e examinaram todos os sintomas do meu mal não encontraram a [208] sua causa, tampouco receitaram remédios tão salutares como o fizestes de longe. E, embora eles pudessem ser tão doutos para duvidar do papel que tinha meu espírito na desordem de meu corpo, eu não teria a franqueza de admitir-lhes isso. Mas a vós, Senhor, eu o faço sem escrúpulos, assegurando-me que um relato tão ingênuo de meus defeitos não me fará perder o papel que desempenho em vossa amizade, mas a confirmará ainda mais, haja vista que perceberéis que ela me é necessária.

Sabeis que tenho o corpo imbuído de uma grande parte das fraquezas de meu sexo, que ele se ressent muito facilmente das aflições da alma, e não

point la force de se remettre avec elle, étant d'un tempérament sujet aux obstructions et demeurant en un air qui y contribue fort ; aux personnes qui ne peuvent point faire beaucoup d'exercice, il ne faut point une longue oppression de cœur par la tristesse, pour opiler la rate et infecter le reste du corps par ses vapeurs. Je m'imagine que la fièvre lente et la toux sèche, qui ne me quitte pas encore, quoique la chaleur de la saison et les promenades que je fais rappellent un peu mes forces, vient de là. C'est ce qui me fait consentir à l'avis des médecins, de boire d'ici en un mois les eaux de Spa (qu'on fait venir jusqu'ici sans qu'elles se gâtent), ayant trouvé, par expérience, qu'elles chassent les obstructions. Mais je ne les prendrai point, avant que j'en sache votre opinion, puisque vous avez la bonté de me vouloir guérir le corps avec l'âme.

Je continuerai aussi de vous confesser qu'encore que je ne pose point ma félicité en chose qui dépende de la fortune ou de la volonté des hommes, et que je ne m'estimerai absolument malheureuse, quand je ne verrais jamais ma maison restituée, ou mes proches hors de misère, je ne saurais considérer les accidents nuisibles qui leur arrivent, sous autre notion que celle du mal, ni les efforts inutiles que je fais pour leur service, sans quelque sorte d'inquiétude, qui n'est pas sitôt calmée par le raisonnement, qu'un nouveau désastre n'en produit d'autre. Et je pense que, si ma vie vous était entièrement connue, vous trouveriez plus étrange qu'un esprit sensible, comme le mien, s'est conservé si longtemps, parmi tant de traverses, dans un corps si faible, sans conseil que celui de son propre raisonnement, et sans consolation que celle de sa conscience, que

possui a força de se recompor com ela, sendo de um temperamento sujeito às obstruções e permanecendo em um ar que contribui muito fortemente para isso. Para as pessoas que não podem fazer muito exercício, não é preciso haver uma longa opressão do coração para causar a tristeza, obstruir o baço e infectar o restante do corpo com os seus vapores. Imagino que a febre lenta e a tosse seca, que não me deixaram ainda, se devem a isso, embora o calor da estação e as caminhadas que faço tragam de volta um pouco as minhas forças. Isso me fez aceitar a opinião dos médicos de que devo beber daqui a um mês as águas de Spa¹³ (que trazem até aqui sem que elas percam suas propriedades), tendo visto, por experiência, que elas expelem as obstruções. Mas eu não as beberia antes de saber a vossa opinião, haja vista que tendes a bondade de querer curar-me o corpo por intermédio da alma.

[209]

Continuarei também a vos confessar que, ainda que eu não deposite a minha felicidade naquilo que depende da fortuna ou da vontade dos homens, e que me considerarei absolutamente infeliz enquanto não vir a minha casa restituída ou as pessoas que me são próximas fora da miséria, não saberia considerar os acidentes nocivos que lhes acontecem sob outra noção, senão na do mal, tampouco os esforços inúteis que faço para lhes servir sem alguma espécie de inquietude, não é acalmada pelo raciocínio sem que um novo desastre produza uma outra. E penso que se minha vida vos fosse inteiramente conhecida, acharíeis mais estranho que um espírito sensível como o meu tenha se conservado por tão longo tempo entre tantos obstáculos em um corpo tão frágil, sem outro auxílio senão aquele de seu próprio raciocínio, e sem outra consolação senão a da sua consciência, do que achais estranhas as causas dessa

13 De acordo com Lisa Shapiro (2007, p. 46), as águas de Spa eram provenientes da Bélgica e, por supostamente possuírem faculdades curativas, eram exportadas para toda a Europa desde o século XVI.

vous ne faites les causes de cette présente maladie.

J'ai employé tout l'hiver passé en des affaires si fâcheuses, qu'elles m'empêchèrent de me servir de la liberté que vous m'avez octroyée, de vous proposer les difficultés que je trouverai en mes études, et m'en donnèrent d'autres, dont il me fallait encore plus de stupidité que je n'ai, pour m'en débarrasser. Je ne trouvai qu'un peu devant mon indisposition le loisir de lire la philosophie de M. le chevalier Digby qu'il a faite en anglais, d'où j'espérais prendre des arguments pour réfuter la vôtre, puisque le sommaire des chapitres me montrait deux endroits, où il prétendait l'avoir fait ; mais je fus toute étonnée, quand j'y arrivai, de voir qu'il n'avait rien moins entendu que ce qu'il approuve de votre sentiment de la réflexion, et de ce qu'il nie de celui de la réfraction, ne faisant nulle distinction entre le mouvement d'une balle et sa détermination, et ne considérant pourquoi un corps mou qui cède retarde l'un, et qu'un corps dur ne fait que résister à l'autre. Pour une partie de ce qu'il dit du mouvement du coeur, il en est plus excusable, s'il n'a point lu ce que vous en écrivîtes au médecin de Louvain. Le docteur Jonson m'a dit qu'il vous traduira ces deux chapitres ; et je pense que vous n'aurez pas grande curiosité pour le reste du livre, parce qu'il est du calibre et suit la méthode de ce prêtre Anglais qui se donne le nom d'Albanus, quoiqu'il y ait de très belles méditations, et que difficilement on en peut attendre davantage d'un homme qui a passé le plus

presente doença.

Empreguei todo o inverno passado nessas coisas tão incômodas a ponto de elas me impedirem de me servir da liberdade que me havíeis concedido de vos propor as dificuldades que encontrei em meus estudos, e, dando-me outras que, para me desembaraçar delas, necessitaria ainda mais estupidez além daquela que já possuo. Ante minha indisposição, encontrei somente um pouco de lazer ao ler a filosofia do cavaleiro Digby¹⁴, que a escreveu em inglês, de onde esperaria extrair os argumentos para refutar a vossa, uma vez que o sumário dos capítulos me mostrava duas passagens por meio das quais ele pretendeu tê-lo feito. Contudo, fiquei espantada quando cheguei a elas e vi que ele não havia entendido nada do que aprova em vossa opinião sobre a reflexão, tampouco do que ele nega em vossa opinião sobre a [210] refração, não fazendo nenhuma distinção entre o movimento de uma bola e a sua determinação, tampouco considerando por que um corpo mole que cede retarda o movimento de outro, e que um corpo duro apenas resiste a um outro. No que diz respeito ao que ele afirmou acerca do movimento do coração, é mais perdoável, sobretudo se ele não leu o que vós escrevestes ao médico de Lovaina. O doutor Jonson me disse que traduzirá para vós esses dois capítulos, e penso que vós não teríeis grande curiosidade acerca do resto do livro, porque é do calibre e segue o método daquele padre Inglês que se chama Albanus¹⁵, ainda que ele possuía belíssimas meditações que dificilmente poderíamos esperar de

14 Kenelm Digby (1603 - 1665) foi um diplomata inglês e filósofo. Dentre suas obras mais conhecidas ligadas à filosofia natural, temos: *The Nature of Bodies and On the Immortality of Reasonable Souls*, publicada em 1644.

15 De acordo com Cardoso & Ferreira (2011, p. 59), Elisabeth se referia à Thomas White, padre e filósofo natural, nascido em 1593 e morto em 1676. Segundo os mesmos autores, ele foi o fundador do movimento de contrarreforma na Inglaterra e, além disso, escreveu *De Mundo Dialogi*, obra fortemente censurada por Thomas Hobbes (CARDOSO & FERREIRA, 2011, p. 59).

grand temps de sa vie à poursuivre des desseins d'amour ou d'ambition. Je n'en aurai jamais de plus forts et de plus constants que celui d'être, toute ma vie,

Votre très affectionnée amie à vous servir,
Elisabeth.

Ce 24^{me} de May.

Monsieur Descartes

En relisant ce que je vous mande de moi-même, je m'aperçois que j'oublie une de vos maximes, qui est de ne mettre jamais rien par écrit, qui puisse être mal interprété de lecteurs peu charitables. Mais je me fie tant au soin de M. de Palotti, que je sais que ma lettre vous sera bien rendue, et à votre discrétion, que vous l'ôterez, par le feu, du hasard de tomber en mauvaises mains.

CCCLXXX

Descartes à Elisabeth

[Egmond, mai ou juin 1645]

Madame,

Je n'ai pu lire la lettre que Votre Altesse m'a fait l'honneur de m'écrire, sans avoir des ressentiments extrêmes, de voir qu'une vertu si rare et si accomplie ne soit pas accompagnée de la santé, ni des prospérités qu'elle mérite, et je conçois aisément la multitude des déplaisirs qui se présentent continuellement à elle, et qui sont d'autant plus difficiles à surmonter, que souvent ils sont de telle nature, que la vraie raison n'ordonne pas qu'on s'oppose directement à eux et qu'on tâche de les chasser. Ce sont des ennemis domestiques, avec lesquels étant contraint de converser, on est obligé de se tenir sans cesse sur ses gardes, afin d'empêcher qu'ils ne nuisent ; et je ne trouve à cela qu'un seul remède, qui est d'en divertir

um homem que passou o maior tempo de sua vida perseguindo desígnios de amor ou de ambição. Jamais terei [desígnios] mais fortes e constantes do que aqueles de ser, toda a minha vida,

Vossa muito afeiçoada amiga a vos servir,

ELISABETH.

Neste vigésimo quarto dia de maio,

Senhor Descartes

Relendo o que vos envio acerca de mim mesma, [211] [vi que] me esqueci de uma de vossas máximas que é aquela de jamais colocar por escrito aquilo que pode ser mal interpretado por leitores pouco caridosos. Mas eu confio tanto no cuidado do Sr. Pallotti e na vossa discricção que sei que minha carta vos será entregue, e que vós a privarás, pelo fogo, do acaso de cair em más mãos.

CCCLXXX

Descartes a Elisabeth

[Egmond, maio ou junho de 1645]

[218]

Senhora,

Não pude ler a carta que vossa Alteza me fez a honra de escrever sem ter ressentimentos extremos, sobretudo ao ver que uma virtude tão rara e tão perfeita não esteja acompanhada pela saúde, tampouco pelas prosperidades que ela merece. Concebo facilmente a multidão de desprazeres que se apresentam continuamente à alma, e que se tornam cada vez mais difíceis de superar, pois frequentemente eles são de tal natureza que a verdadeira razão nos ordena que não nos oponhamos diretamente a eles, tampouco que nos dediquemos a expulsá-los. Eles são inimigos domésticos com os quais somos constrangidos, e somos obrigados a tomar cuidado a fim de impedir que eles nos prejudiquem. Encontro para isso

son imagination et ses sens le plus qu'il est possible, et de n'employer que l'entendement seul à les considérer, lorsqu'on y est obligé par la prudence.

On peut, ce me semble, aisément remarquer ici la différence qui est entre l'entendement et l'imagination ou le sens ; car elle est telle, que je crois qu'une personne, qui aurait d'ailleurs toute sorte de sujet d'être contente, mais qui verrait continuellement représenter devant soi des tragédies dont tous les actes fussent funestes, et qui ne s'occuperait qu'à considérer des objets de tristesse et de pitié, qu'elle sût être feints et fabuleux, en sorte qu'ils ne fissent que tirer des larmes de ses yeux, et émouvoir son imagination, sans toucher son entendement, je crois, dis-je, que cela seul suffirait pour accoutumer son coeur à se resserrer et à jeter des soupirs ; ensuite de quoi la circulation du sang étant retardée et ralentie, les plus grossières parties de ce sang, s'attachant les unes aux autres, pourraient facilement lui opiler la rate, en s'embarrassant et s'arrêtant dans ses pores ; et les plus subtiles, retenant leur agitation, lui pourraient altérer le poumon, et causer une toux, qui à la longue serait fort à craindre. Et, au contraire, une personne qui aurait une infinité de véritables sujets de déplaisir, mais qui s'étudierait avec tant de soin à en détourner son imagination, qu'elle ne pensât jamais à eux, que lorsque la nécessité des affaires l'y obligerait, et qu'elle employât tout le reste de son temps à ne considérer que des objets qui lui pussent apporter du contentement et de la joie, outre que cela lui serait grandement utile, pour juger plus sainement des choses qui lui importeraient, pour ce qu'elle les regarderait sans passion, je ne doute point que cela seul ne fût capable de la remettre en santé, bien que sa rate et ses poumons fussent déjà fort mal disposés par le mauvais tempérament du sang que cause la tristesse. Principalement, si elle se servait aussi des remèdes de la médecine, pour

somente um único remédio, que é distrair sua imaginação e seus sentidos tanto quanto for possível, e de empregar somente o entendimento para considerá-los, quando somos obrigados a isso pela prudência.

[219]

Ao que me parece, podemos facilmente observar aqui a diferença entre o entendimento e a imaginação ou os sentidos. Pois ela é tal que acredito que uma pessoa que ademais teria todos os motivos para estar contente, mas que visse continuamente representar diante de si Tragédias nas quais todos os atos fossem funestos, e que se ocupasse somente em considerar objetos de tristeza e piedade, que ela sabe serem fingidos e fabulosos, de modo que eles nada mais fizessem além de tirar lágrimas dos olhos e comover a imaginação sem afetar seu entendimento, acredito, digo, que isso bastaria para acostumar seu coração a se fechar e a lançar suspiros, e, conseqüentemente, isso fará com que a circulação do sangue seja atardada e lenta, e que as partes mais grosseiras desse sangue, ligando-se umas às outras, possam facilmente obstruir-lhe o baço, embaraçando-se e detendo-se nos seus poros. E as partes mais sutis [do sangue], retendo sua agitação, poderiam alterar-lhe o pulmão e causar uma tosse que a longo prazo seria preocupante. E, ao contrário, uma pessoa que tenha uma infinidade de verdadeiros motivos de desprazer, mas que se dedique com muito cuidado a desviar deles sua imaginação, de modo que ela pensasse neles somente quando a necessidade dos afazeres a obrigasse, e que, empregando todo o resto do seu tempo a considerar apenas objetos que lhe possam trazer contentamento e alegria, além de lhe ser muito útil para julgar de forma mais sã sobre as coisas que lhe são de importância, pois ela as consideraria sem paixão; não duvido que somente isso seja capaz de trazer-lhe de volta a saúde, ainda que seu baço e seus [220] pulmões já estejam muito mal dispostos em virtude do mal temperamento do sangue causado pela tristeza. Principalmente se ela se servisse também

résoudre cette partie du sang qui cause des obstructions ; à quoi je juge que les eaux de Spa sont très propres, surtout si Votre Altesse observe, en les prenant, ce que les médecins ont coutume de recommander, qui est qu'il se faut entièrement délivrer l'esprit de toutes sortes de pensées tristes, et même aussi de toutes sortes de méditations sérieuses touchant les sciences, et ne s'occuper qu'à imiter ceux qui, en regardant la verdure d'un bois, les couleurs d'une fleur, le vol d'un oiseau, et telles choses qui ne requièrent aucune attention, se persuadent qu'ils ne pensent à rien. Ce qui n'est pas perdre le temps, mais le bien employer ; car on peut, cependant, se satisfaire par l'espérance que, par ce moyen, on recouvrera une parfaite santé, laquelle est le fondement de tous les autres biens qu'on peut avoir en cette vie.

Je sais bien que je n'écris rien ici que Votre Altesse ne sache mieux que moi, et que ce n'est pas tant la théorie, que la pratique, qui est difficile en ceci ; mais la faveur extrême qu'elle me fait de témoigner qu'elle n'a pas désagréable d'entendre mes sentiments, me fait prendre la liberté de les écrire tels qu'ils sont, et me donne encore celle d'ajouter ici, que j'ai expérimenté en moi-même, qu'un mal presque semblable, et même plus dangereux, s'est guéri par le remède que je viens de dire. Car, étant né d'une mère qui mourut, peu de jours après ma naissance, d'un mal de poumon, causé par quelques déplaisirs, j'avais hérité d'elle une toux sèche, et une couleur pâle, que j'ai gardée jusques à l'âge de plus de vingt ans, et qui faisait que tous les médecins qui m'ont vu avant ce temps-là, me condamnaient à mourir jeune. Mais je crois que l'inclination que j'ai toujours eue à regarder les choses qui se présentaient du biais qui me les pouvait rendre le plus agréables, et à faire que mon principal contentement ne dépendît que de moi seul, est cause que cette indisposition, qui m'était comme naturelle, s'est peu à peu entièrement passée.

dos remédios da medicina para resolver essa parte do sangue que causa as obstruções; para o que julgo que aquelas águas de Spa são muito próprias, sobretudo se vossa Alteza obedecer ao que os Médicos têm o costume de recomendar, isto é, que se deve livrar inteiramente o espírito de todas as espécies de pensamentos tristes, bem como de todas as espécies de meditações sérias no tocante às ciências, e se ocupar apenas em imitar aqueles que, observando o verdor de um bosque, as cores de uma flor, o voo de um pássaro e essas coisas que não requerem nenhuma atenção, se persuadem que não pensam em nada. Isso não é perder tempo, mas empregá-lo bem; pois podemos nos satisfazer com a esperança de que, por esse meio, recuperaremos uma saúde perfeita, que é o fundamento de todos os outros bens que podemos ter nessa vida.

Bem sei que aqui não escrevo nada que vossa Alteza não saiba melhor do que eu, e que não é tanto a teoria, mas a prática, que é difícil nessas questões. Mas o favor extremo que ela me faz de testemunhar que não é desagradável conhecer minhas opiniões me fez tomar a liberdade de escrevê-las tais como são, e de acrescentar aqui apenas o que já experimentei em mim mesmo, quando um mal quase semelhante, e até mesmo mais danoso, que foi curado pelo remédio de que falo. Pois, tendo nascido de uma mãe que faleceu poucos dias depois de meu nascimento em virtude de um mal de [221] pulmão causado por alguns desprazeres, herdei dela uma tosse seca e uma cor pálida que mantive até a idade de mais de vinte anos; isso fez com que todos os Médicos que me viram naquela época me condenassem a morrer jovem. Mas creio que a inclinação que sempre tive em considerar as coisas que se apresentavam a mim de uma perspectiva na qual eu as pudesse tornar agradáveis, e fazer com que meu principal contentamento dependesse somente de mim, é a causa pela qual essa indisposição, que me era como que natural, foi pouco a pouco passando inteiramente.

J'ai beaucoup d'obligation à Votre Altesse, de ce qu'il lui a plu me mander son sentiment du livre de Monsieur le Chevalier d'Igby, lequel je ne serai point capable de lire, jusqu'à ce qu'on l'ait traduit en latin ; ce que Monsieur Jonson, qui était hier ici, m'a dit que quelques-uns veulent faire. Il m'a dit aussi que je pouvais adresser mes lettres pour Votre Altesse par les messagers ordinaires, ce que je n'eusse osé faire sans lui, et j'avais différé d'écrire celle-ci, pour ce que j'attendais qu'un de mes amis allât à La Haye pour la lui donner. je regrette infiniment l'absence de Monsieur de Pollot, pour ce que je pouvais apprendre par lui l'état de votre disposition ; mais les lettres qu'on envoie pour moi au messager d'Alkmar ne manquent point de m'être rendues, et comme il n'y a rien au monde que je désire avec tant de passion que de pouvoir rendre service à Votre Altesse, il n'y a rien aussi qui me puisse rendre plus heureux, que d'avoir l'honneur de recevoir ses commandements. Je suis, etc.

CCCLXXXIV

Elisabeth à Descartes

[Haia], 22 juin [1645]

Monsieur Descartes,

Vos lettres me servent toujours d'antidote contre la mélancolie, quand elles ne m'enseigneraient pas, détournant mon esprit des objets désagréables qui lui surviennent tous les jours, pour lui faire contempler le bonheur que je possède dans l'amitié d'une personne de votre mérite, au conseil duquel je puis commettre la conduite de ma vie. Si je la pouvais encore conformer à vos derniers préceptes, il n'y a point de doute que le me guérirais promptement des maladies du corps et des faiblesses de l'esprit. Mais j'avoue que le trouble de la difficulté à séparer des sens et de l'imagination

Tenho muitas dívidas para com vossa Alteza pelo fato de me ter enviado sua consideração sobre o livro do Cavaleiro d'Igby, que não serei capaz de ler até que seja traduzido em Latim; e o Senhor Jouson, que esteve ontem aqui, disse-me que alguns querem fazê-lo. Ele disse-me também que eu poderia enviar minhas cartas para vossa Alteza por intermédio dos Mensageiros comuns, o que não teria ousado fazer sem ele, e teria adiado escrever esta carta, esperando que um de meus amigos fosse à Haia para lha entregar. Lamento infinitamente a ausência do Senhor Pollot, justamente porque eu poderia saber por meio dele o estado de vossa disposição. Mas as cartas que as pessoas enviam para mim por intermédio do Mensageiro d'Alkmar não [222] deixam de me ser entregues, e, como não há nada no mundo que eu deseje com maior paixão do que poder servir à vossa Alteza, não há nada também que me possa tornar mais feliz do que ter a honra de receber suas ordens. Eu sou, etc.

CCCLXXXIV

Elisabeth a Descartes

[Haia], 22 de junho de [1645]

[233]

Senhor Descartes,

Vossa cartas me servem sempre de antídoto contra a melancolia, pois, quando elas não me instruem, elas desviam meu espírito dos objetos desagradáveis que se lhe apresentam todos os dias, para fazê-lo contemplar a felicidade que possuo na amizade de uma pessoa de vosso mérito, com o auxílio da qual posso conduzir minha vida. Se eu pudesse ainda conformá-la aos vossos últimos preceitos, não há dúvida de que me curaria prontamente das doenças do corpo e das fraquezas do espírito. Mas admito que encontro dificuldade em separar dos sentidos e da imaginação as coisas que são continuamente

des choses qui y sont continuellement représentées par discours et par lettres, que je ne saurais éviter sans pécher contre mon devoir. Je considère bien qu'en effaçant de l'idée d'une affaire tout ce qui me la rend fâcheuse (que je crois m'être seulement représenté par l'imagination), j'en jugerais tout aussi sainement et y trouverais aussitôt les remèdes que [je fais avec] l'affection que j'y apporte. Mais je ne l'ai jamais su pratiquer qu'après que la passion avait joué son rôle. Il y a quelque chose de surprenant dans les malheurs, quoique prévus, dont je ne suis maîtresse qu'après un certain temps, auquel mon corps se désordonne si fort, qu'il me faut plusieurs mois pour le remettre, qui ne se passent guère sans quelque nouveau sujet de trouble. Outre que je suis contrainte de gouverner mon esprit avec soin, pour lui donner des objets agréables, la moindre fainéantise le fait retomber sur les sujets qu'il a de s'affliger, et j'apprends que, si je ne l'emploie point, pendant que je prends les eaux de Spa, il ne se rend plus mélancolique. Si je pouvais profiter, comme vous faites, de tout ce qui se présente à mes sens, je me divertirais, sans le peiner. C'est à cette heure que je sens l'incommodité d'être un peu raisonnable. Car, si je ne l'étais point du tout, je trouverais des plaisirs communs avec ceux entre lesquels il me faut vivre, pour prendre cette médecine avec profit. Et [si je l'étais] au point que vous l'êtes, je me guérirais, comme vous avez fait. Avec cela, la malédiction de mon sexe m'empêche le contentement que me donnerait un voyage vers Egmond, pour y apprendre les vérités que vous tirez de votre nouveau jardin. Toutefois, je me console de la liberté que vous me donnez d'en demander quelquefois des nouvelles, en qualité de

Votre très affectionnée amie à vous servir,
Elisabeth.

Ce 12/22 de Juin.

Monsieur Descartes

representadas pelo discurso e pelas cartas, o que eu não poderia evitar sem pecar contra meu dever. Considero que, apagando da ideia de uma coisa tudo o que a torna incômoda (que eu creio não me ser somente representado pela imaginação), eu a julgaria de modo são e encontraria, logo em seguida, os remédios para ela assim como [encontro][234] a afeição que tenho [por vós]. Mas jamais soube como praticar isso antes que a paixão tenha cumprido o seu papel. Há algo de surpreendente nos infortúnios, mesmo nos previstos, e isso prova que não sou senhora deles senão depois de um certo tempo, durante o qual meu corpo se desordena tanto que me são necessários vários meses para restabelecê-lo, o que não acontece amiúde sem um novo motivo de perturbação. Além de ser obrigada a governar meu espírito com cuidado para lhe dar objetos agradáveis, pois a menor indolência o faz recair em motivos capazes de afligi-lo, e temo que, se eu não o emprego enquanto tomo as águas de Spa, ele se torne mais melancólico. Se eu pudesse aproveitar, como vós fazeis, tudo o que se apresenta aos meus sentidos, eu me distrairia sem ter dificuldades. Mas é nessa hora que sinto o incômodo de ser um pouco racional. Pois, se não o fosse de todo, encontraria prazeres comuns com aqueles entre os quais devo viver, para [assim] tomar essa medicina com proveito. E, no ponto em que vós estais, eu me curaria como vós haveis feito. Com isso, a maldição de meu sexo me impede o contentamento que me daria uma viagem a Egmond, para aprender as verdades que tirastes de vosso novo jardim. Todavia, consola-me a liberdade que me dais de vos pedir notícias algumas vezes, na qualidade de

Vossa muito afeiçoada amiga a vos servir,

ELISABETH.

Neste 12/22 de junho.

Senhor Descartes

[235]

J'ai appris avec beaucoup de joie que l'Académie de Groningen vous a fait justice.

CCCLXXXVI

Descartes à Elisabeth

[Egmond, juin 1645]

Madame,

Je supplie très humblement Votre Altesse de me pardonner, si je ne puis plaindre son indisposition, lorsque j'ai l'honneur de recevoir de ses lettres. Car j'y remarque toujours des pensées si nettes et des raisonnements si fermes, qu'il ne m'est pas possible de me persuader qu'un esprit capable de les concevoir soit logé dans un corps faible et malade. Quoi qu'il en soit, la connaissance que Votre Altesse témoigne avoir du mal et des remèdes qui le peuvent surmonter, m'assure qu'elle ne manquera pas d'avoir aussi l'adresse qui est requise pour les employer.

Je sais bien qu'il est presque impossible de résister aux premiers troubles que les nouveaux malheurs excitent en nous, et même que ce sont ordinairement les meilleurs esprits dont les passions sont plus violentes et agissent plus fort sur leurs corps ; mais il me semble que le lendemain, lorsque le sommeil a calmé l'émotion qui arrive dans le sang en telles rencontres, on peut commencer à se remettre l'esprit, et le rendre tranquille ; ce qui se fait en s'étudiant à considérer tous les avantages qu'on peut tirer de la chose qu'on avait prise le jour précédent pour un grand malheur, et à détourner son attention des maux qu'on y avait imaginés.

*Soube com muita alegria que a Academia de Groningen vos fez justiça*¹⁶.

CCCLXXXVI

Descartes a Elisabeth

[Egmond, junho de 1645]

[236]

Senhora,

Suplico muito humildemente a vossa Alteza para me perdoar se não posso lamentar sua indisposição quando tenho a honra de receber suas cartas. Pois nelas sempre observo pensamentos tão nítidos e raciocínios tão firmes que não é possível me persuadir que um espírito capaz de os conceber esteja alojado em um corpo débil e doente. De qualquer maneira, o conhecimento que vossa Alteza testemunha ter do mal e dos remédios que podem superá-lo assegura-me que vós não deixareis de ter a habilidade requerida para empregá-los.

Sei muito bem que é quase impossível resistir às primeiras perturbações que os novos infortúnios excitam em nós, e até mesmo que os melhores espíritos são, ordinariamente, aqueles cujas paixões são mais violentas e agem mais sobre seus corpos. Mas me parece que no dia seguinte, quando o sono acalmou [237] a emoção que chega ao sangue em tais ocasiões, podemos começar a recuperar o espírito e a torná-lo tranquilo. E isso se faz aplicando-se em considerar todas as vantagens que podemos tirar da coisa que, no dia anterior, consideramos como uma grande infelicidade, desviando a atenção dos males que

16 Elisabeth se referia aos desdobramentos da “querela de Utrech”, disputa filosófico-jurídica que envolveu Descartes, Regius e Voetius.

Car il n'y a point d'événements si funestes, ni si absolument mauvais au jugement du peuple, qu'une personne d'esprit ne les puisse regarder de quelque biais qui fera qu'ils lui paraîtront favorables. Et Votre Altesse peut tirer cette consolation générale des disgrâces de la fortune qu'elles ont peut-être beaucoup contribué à lui faire cultiver son esprit au point qu'elle a fait ; c'est un bien qu'elle doit estimer plus qu'un empire. Les grandes prospérités éblouissent et enivrent souvent de telle sorte, qu'elles possèdent plutôt ceux qui les ont, qu'elles ne sont possédées par eux ; et bien que cela n'arrive pas aux esprits de la trempe du vôtre, elles leur fournissent toujours moins d'occasions de s'exercer, que ne font les adversités. Et je crois que, comme il n'y a aucun bien au monde, excepté le bon sens, qu'on puisse absolument nommer bien, il n'y a aussi aucun mal, dont on ne puisse tirer quelque avantage, ayant le bon sens.

J'ai tâché ci-devant de persuader la nonchalance à Votre Altesse, pensant que les occupations trop sérieuses affaiblissent le corps, en fatiguant l'esprit ; mais je ne lui voudrais pas pour cela dissuader les soins qui sont nécessaires pour détourner sa pensée des objets qui la peuvent attrister ; et je ne doute point que les divertissements d'étude, qui seraient fort pénibles à d'autres, ne lui puissent quelquefois servir de relâche. Je m'estimerais extrêmement heureux, si je pouvais contribuer à les lui rendre plus faciles ; et j'ai bien plus de désir d'aller apprendre à La Haye quelles sont les vertus des eaux de Spa, que de connaître ici celles des plantes de mon jardin, et bien plus aussi que je n'ai soin de ce qui se passe à Groningue ou à Utrecht, à mon avantage ou désavantage. Cela m'obligera de suivre dans quatre ou cinq jours cette lettre, et je serai tous les jours de ma vie, etc.

tínhamos imaginado. Pois não há acontecimentos tão funestos, tampouco absolutamente maus no juízo do povo, que uma pessoa de espírito não os possa observar de uma tal perspectiva que eles lhe parecerão favoráveis. E vossa Alteza pode tirar essa consolação geral das desgraças da fortuna, pois talvez elas tenham contribuído muito para fazê-la cultivar seu espírito ao ponto que o fez; isso é um bem que se deve estimar mais que um Império. Frequentemente, as grandes prosperidades deslumbram e inebriam de tal modo, que elas possuem completamente aqueles que as têm mais do que elas são possuídas por eles; e por mais que isso não aconteça aos espíritos da têmpera do vosso, elas lhes fornecem sempre menos ocasiões de se exercer do que o fazem as adversidades. E creio que, como não há nenhum bem no mundo, exceto o bom senso, que se possa nomear absolutamente um bem, não existe também nenhum mal do qual não possamos tirar alguma vantagem, tendo o bom senso.

Até aqui dediquei-me em persuadir vossa Alteza à indolência, pensando que as ocupações demasiado sérias enfraquecessem o corpo, fatigando o espírito; mas não gostaria com isso de dissuadi-la dos cuidados que são necessários para desviar o pensamento dos objetos que possam entristecê-la; e não duvido que os [238] divertimentos do estudo, que seriam muito penosos para outros, lhe possam às vezes servir de descanso. Estimar-me-ia extremamente feliz se pudesse contribuir a lhos tornar mais fáceis; e tenho bem mais o desejo de ir a Haia aprender quais são as virtudes das águas de Spa do que conhecer aqui as virtudes das plantas de meu jardim, e mais ainda do que dou atenção àquilo que se passa em Groninga ou em Utrech no que concerne à minha vantagem ou desvantagem. Isso me obrigará a seguir esta carta em quatro ou cinco dias, e serei todos os dias de minha vida, etc.

REFERÊNCIAS

- ALANEN, L. (2005). Descartes and Elisabeth: a philosophical dialogue? In: ALANEN, L. & WITT, C. *Feminist reflections on the history of philosophy*. USA: Springer Science & Business Media.
- BAILLET, A. (1691). *La vie de Monsieur Descartes*. Paris: Daniel Horthmels.
- CARDOSO, A. & FERREIRA, M.L.F. (2001). *Medicina dos afectos: correspondência entre Descartes e a princesa Elisabeth da Boémia*. Oeiras: Celta Editora.
- COELHO, R. T. (2020). Descartes e Elisabeth: o problema das ações voluntárias. *Cadernos Espinosanos: estudos sobre o século XVII*, São Paulo, v. 1, n. 43 (pp. 399-427).
- _____. (2021). Filosofar no feminino: a primeira carta de Elisabeth da Boêmia a René Descartes (16 de maio de 1643)(tradução e comentário). *Instauratio Magna*, v. 1, n. 1, (pp. 238-48).
- COQUARD, D. (2010). 'Il l'écoute et il parle'. La correspondance entre Descartes et Élisabeth: une rencontre originale. *Psychanalyse*, v. 3, n. 19, (pp. 107-117).
- DARRIULAT, J. (1996). Descartes et la mélancolie. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, vol. 186, n. 4 (pp. 465-86).
- DESCARTES, R. (1973). *Oeuvres de Descartes* (AT). Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- _____. (1997). *Princípios da Filosofia*. Portugal: Edições 70.
- _____. (2017). Correspondência entre Descartes e a princesa Elisabete: cartas sobre a união substancial. *Revista Discurso*, São Paulo, v. 47, n. 2, (pp. 193-203).
- DONATELLI, M. (2002). As Cartas a Elisabeth: uma terapêutica epistolar.

Cadernos Espinosanos: estudos sobre o século XVII, v. 8, n. 1 (pp. 116-29).

_____. (2008). Os Excerpta anatomica de Descartes: anotações sobre a fisiologia e a terapêutica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 6, n. 2 (pp. 235-52).

SHAPIRO, L. (1999). Princess Elizabeth and Descartes: the union of soul and body and the practice of philosophy. *British Journal for the History of Philosophy*, England, v. 7, n. 3 (pp. 503-20).

_____. (2007). *Princess Elisabeth of Bohemia and René Descartes: the correspondence between princess Elisabeth of Bohemia and René Descartes*. Chicago & London: The University of Chicago Press.